

EDITORIAL

Sem querer ser repetitivo, e ainda sendo, este número mantém acesa a chama da rebeldia e persistência em querer existir, sorrir e seguir, mesmo que existam guerras, doenças, fomes, pestes e moléstias de toda ordem. Sim, são muitas as dificuldades, inúmeras, mas são elas que fazem com que a têmpera e o ânimo se renovem, fortalecendo o sentido de viver e manter-se na senda da solidariedade e do espírito colaborativo, sem abrir mão da razão e da perspectiva de querer compreender os fenômenos e eventos diversos, ainda que alguns destes sejam irremediavelmente incognoscíveis para o estado atual da ciência.

Neste número, África(s) traz o dossiê intitulado **Perspectivas e Desafios da Educação Escolar no Continente Africano: Trajetória, Políticas Curriculares e Transformação Social**, e com ele artigos que discutem vários aspectos da educação como um todo. Questões como currículo, ensino (presencial e a distância), aprendizagem, dentre outros elementos, são discutidos e analisados por estudiosos e estudiosas da área, indicando para o mundo que há mais em África do que as já batidas e surradas estereotípias que foram consagradas no Ocidente.

Em suas páginas desfilam autores e autoras de Moçambique, que juntos teceram um belíssimo dossiê para este egrégio e valente periódico, que insiste em se manter vivo e fulgurante. O dossiê, devidamente apresentado pelos seus organizadores, indica que Moçambique vai bem em termos de pesquisa e ensino superior. Aliás, não é à toa que este país possui o maior número de programas de pós-graduação stricto sensu, quando comparado com os demais PALOP's. Moçambique merece nosso respeito por várias razões, sobretudo, por sua história de insistência e persistência. Nisto, aliás, há os encontros

Comitê Editorial Executivo

Alexandre Antônio Timbane
Ivaldo Marciano de F. Lima
Rodrigo Castro Rezende

Editor-Gerente
[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

do país citado com este periódico, que ao longo de dez anos trouxe autores e autoras do Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Portugal, EUA, França e demais países.

O dossiê é composto por sete artigos, escritos por autores e autoras pertencentes às melhores instituições de ensino superior de Moçambique. O orgulho da publicação deste dossiê não está apenas em contrariar os insistentes e já referidos estereótipos que grassam o ocidente sobre os homens e mulheres que habitam o que hoje nomeamos por África. Também não reside no fato de que as suas muitas linhas, tecidas em profícua harmonia com a busca pela razão, desmontam, ainda que de forma implícita, com as representações de África que persistem em grande parte dos brasileiros e brasileiras. Este dossiê mostra, por si, que o continente não se define por homogeneidades de nenhuma natureza. Há em África pessoas de todas as cores e tipos físicos, falantes de inúmeras línguas que vivem em diversos modos e maneiras de organização social. Ora, África não é tribal, primitiva, selvagem, congelada em um estado natural, ou lugar de um determinado tipo de raça... Aliás, nisto o imperialismo e o colonialismo foram bastante habilidosos, pois poucos são os que conseguem enxergar o continente africano da forma mais próxima do que ele realmente significa... Persistem ainda, em boa parte do Ocidente, as leituras de que os homens e mulheres do continente são apenas e simplesmente definidos por sua cor de pele, adstritos em práticas primitivas e regidas pelo costume e a tradição.

Quem inventou o conceito de raça? E quem definiu o continente como selvagem e primitivo? Aliás, quem foi que disse que os homens e mulheres de África se reconhecem de uma forma única e aceitam, de forma passiva, a ideia de que são definidos pela cor de sua pele? Nunca é demais lembrar que no continente africano existem algo em torno de três mil línguas, o que por si só assegura a existência de igual número na compreensão e formas de perceber o meio que os cercam.

Ainda sobre o dossiê, resta indicar que as reflexões sobre os diferentes aspectos que existem no ambiente escolar, bem como os desdobramentos deste, constituem os pontos centrais dos artigos articulados por um fio condutor. Complementam o presente número outros dois excelentes artigos, que de alguma forma possuem liames com o conjunto das reflexões aqui existentes.

Dinis Kebanguilako, no seu artigo intitulado “A Etnometodologia como Teoria na Compreensão dos Processos de Hegemonização e Homogeneização do Sistema Educativo na Primeira República em Angola”, discute o processo de redefinição e reorganização da educação do país, após o processo de independência. O autor conjuga a análise da reorganização dos sistemas de educação, com a reflexão da etnometodologia como forma de compreender melhor o intrincado e complexo processo, definido pelo autor como uma construção orientada pra a

homogeneização dos mecanismos de educação. Dinis Kebanguilako é o único autor não moçambicano a figurar neste número de África(s). Seu texto revela o quanto há de rigor entre os intelectuais e estudiosos que atuam no contexto da academia angolana.

Viriato Caetano Dias e Itélio Joana Muchisse, no artigo intitulado “Secessão: sobre origens, causas, legitimidade e impacto global”, discute o fenômeno da secessão e de como este é operado sob diferentes contextos e circunstâncias. O autor, sob as balizas da pesquisa científica, mostra os diferentes fatores que influenciam este fenômeno. Ainda que o artigo discuta um fenômeno destoante do dossiê, importa destacar os argumentos lúcidos trazidos pelos autores, em meio à profícua revisão bibliográfica feita para dar suporte às conclusões trazidas.

Enfim, vale a pena viver a vida e insistir em sorrir. África(s) persiste e insiste, e só nos resta desejar que esta história não finde aqui. A equipe editorial deste periódico, assim como o editor, que por ora redige estas linhas, deseja vida longa aos leitores e leitoras, e insiste em sonhar com o fato destas páginas serem fonte de inspiração para novos artigos e trabalhos acadêmicos, tudo sob as balizas da boa e velha ciência. Como foi dito no editorial anterior, o mundo precisa de ciência, e a África necessita ser compreendida sob lentes livres das ideologias, das heranças do imperialismo e colonialismo do século XIX.

Boa leitura!

Ivaldo Marciano de França Lima

Editor geral